

73 Maílson deixa para 89 combate à inflação

Medidas mais enérgicas só virão no ano que vem com o novo orçamento da União, diz o ministro

BRASÍLIA — O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, admitiu ontem que "um ataque frontal à inflação" só irá acontecer no próximo ano quanto estará em vigor o novo orçamento geral da União, prevendo um déficit público de 2% do Produto Interno Bruto (PIB). "Este ano estamos criando condições para a adoção de uma política fiscal corajosa em 89 e evitando a hiperinflação", disse o ministro.

Maílson da Nóbrega comentou que os boatos sobre um choque econômico que seria adotado pelo governo provocou uma grande onda de especulações e as consequências foram as remarcações de preços. "Isso dificulta ainda mais uma previsão inflacionária para agosto", disse ele, "mas agora todos já sabem que o governo não adotará qualquer medida milagrosa; todos já se convenceram que não existe pacote".

Comparando a adoção de uma política econômica numa "hora difícil de transição político-institucional" a uma corrida de obstá-

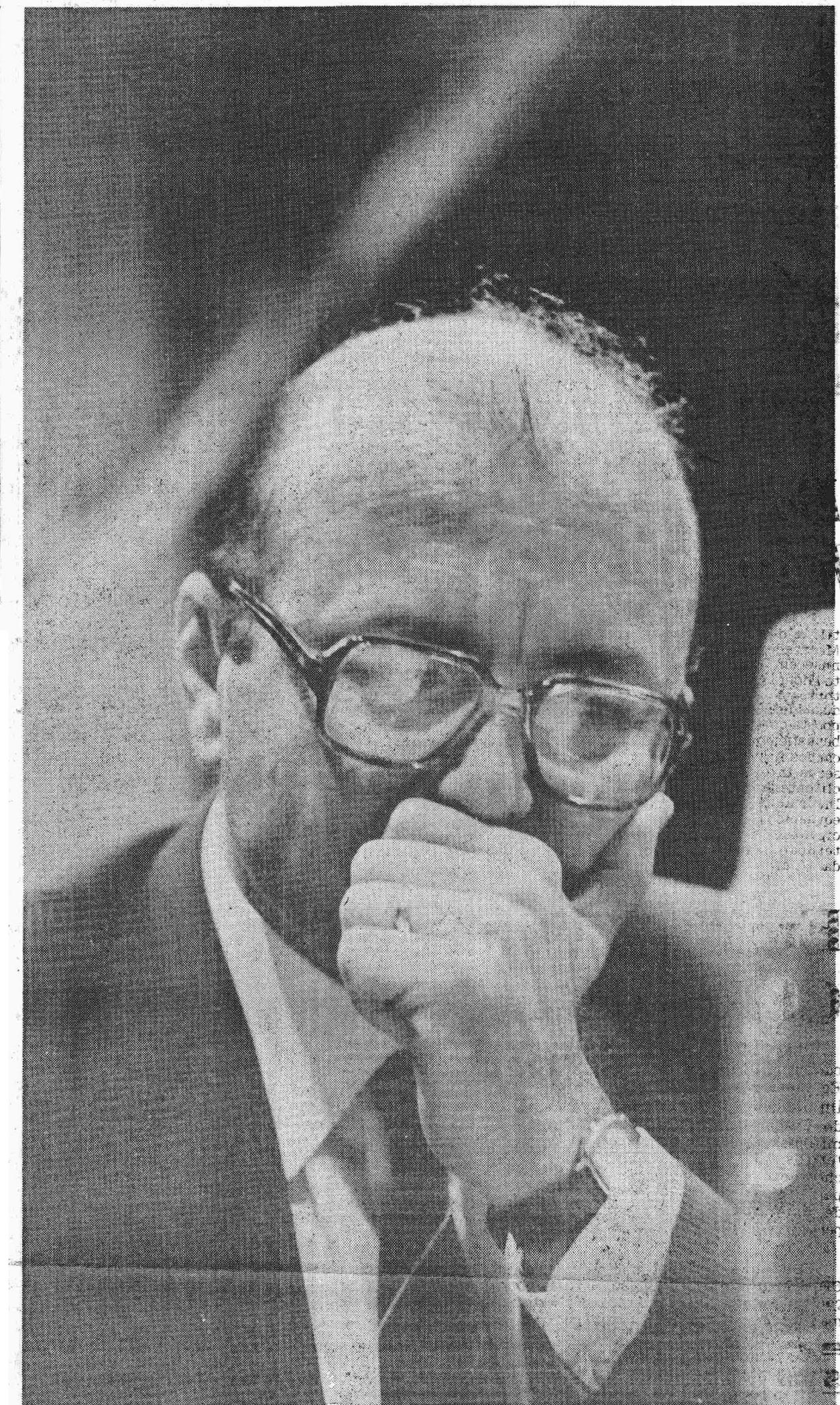
culos, Maílson da Nóbrega disse que o momento exige paciência para enfrentar situações desagradáveis, "mas estamos fazendo o melhor".

O ministro informou, ainda, que manteve contato, ontem, com o seu colega da Agricultura, Iris Rezende, e recebeu a informação que os preços dos produtos agrícolas no atacado estão tendo reajustes inferiores aos percentuais do mês passado, quando o Índice de Preços no Atacado (IPA) teve "peso" significativo no índice da inflação.

AGOSTO

Com relação à inflação de agosto, o ministro da Fazenda, voltou a garantir que o índice será inferior ao de julho. Ele comentou, ainda, que não fará milagres para conter a inflação. "Desde que assumi o cargo fiz questão de dizer que não seria fácil nem rápido o processo de desaceleração inflacionária", disse Maílson da Nóbrega.

Ele voltou a garantir que o déficit público deste ano ficará em 4% do Produto Interno Bruto e que os cortes no orçamento do próximo ano possibilitarão um déficit público de 2% do PIB, como quer o Fundo Monetário Internacional (FMI). "Vamos seguir até o final deste ano na nossa linha de combate ao déficit público", afirmou Maílson.



Maílson: boatos sobre choque dificultam mais a previsão de inflação, para agosto